

Débora Larissa Rempel

*Universidade Estadual Paulista
'Júlio de Mesquita Filho'
UNESP São José do Rio Preto
debora.rempel@terra.com.br*

Lauro Maia Amorim

*Universidade Estadual Paulista
'Júlio de Mesquita Filho'
UNESP São José do Rio Preto
laurinhomaia@gmail.com*

Ananguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@ananguera.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 15/07/2013
Avaliado em: 18/08/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

A TRADUÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA AFRO-AMERICANA EM "INVISIBLE MAN", DE RALPH ELLISON

Questões de integração racial e negritude no uso do Inglês vernacular afro-americano

RESUMO

A obra "Invisible Man" e sua recepção literária no Brasil propõem-se à exposição da visão integracionista do autor Ralph Ellison no tocante às relações raciais. Paralelamente, observa-se o uso de inglês vernacular afro-americano por personagens negros. Tal combinação entre integracionismo e alteridade tece uma encruzilhada para o diálogo entre a tradução da obra e o discurso afrodescendente. A partir das opções tradutórias para a especificidade do IVAA, buscou-se verificar, assim, como se daria a construção de identidade linguística, no intuito de analisar o fazer tradutório na relação com os objetivos de um discurso racializado. Observou-se um tratamento ambivalente do IVAA na tradução, a qual contempla marcas de fala vernacular correlatas, mas em pontos específicos traça paralelos com a ideia de integração racial mediante nivelamento pela linguagem padrão, fatores que, em um vínculo entre os Estudos da Tradução e negritude, ilustraram as implicações da tradução na tomada de posição discursiva do tradutor.

Palavras-Chave: estudos da tradução; Ralph Ellison; negritude; inglês vernacular afro-americano.

ABSTRACT

"Invisible Man" and its critical reception touch upon the integrationist perspective of Ralph Ellison in regard to race relations. At the same time, it was noticed that the writing features black characters speaking Black English Vernacular. This interplay of otherness and integration puts the translation at a crossroad in terms of approach to the African-Brazilian discourse. Departing from the translation of the specificities of BEV, the aim was thus to examine how a linguistic identity would be shaped, in order to analyze the relation between the act of translation and the objectives of a racial discourse. The translation options for BEV showed to be ambivalent, as they relate to vernacular Brazilian Portuguese, but on specific parts trace connections to the idea of racial integration through standard speech, elements which, in a link between Translation Studies and blackness, illustrate what translation implies to a discursive point of view.

Keywords: translation studies; Ralph Ellison; blackness; black English vernacular.

1. INTRODUÇÃO

A tradução e a recepção de literatura afro-americana no Brasil representam um espaço propício à pesquisa nos Estudos da Tradução em vista das possibilidades de análise abertas por questões de natureza ideológica ou estética voltadas para o estudo da identidade¹. Em particular, mostram-se instigantes as interferências, no tocante ao fazer tradutório das diferentes formas de se pensar a identidade e a racialidade tanto nos EUA como no Brasil. Tais linhas de pensamento, marcadas por diferenças na ênfase em racialidade, encontram voz no debate das concepções de negritude e antirracismo. A título de exemplo, no contexto brasileiro, Munanga (2004) problematiza a virtual impossibilidade de circunscrição da negritude ante a narrativa de miscigenação, que representa a ideologia de estímulo à formação de um povo brasileiro não polarizado em termos raciais. Magnoli (2009), em contrapartida, como representante de uma perspectiva antirracista, teme o estabelecimento de fronteiras que determinem o pertencimento do indivíduo a uma comunidade particular em vez de propiciar a identificação com o Outro como semelhante dentro da coletividade humana.

Em relação aos referidos discursos, nota-se, por sua vez, que Ralph Ellison estabelece um diálogo de diferentes facetas em *Invisible Man*, de um lado expressando uma filosofia integracionista, de outro contemplando a especificamente a identidade negra ao criar personagens falantes de inglês vernacular afro-americano (IVAA). Nesse sentido, o foco de análise deste artigo incidirá sobre a marca de identidade inerente ao IVAA no romance *Invisible Man*, observando-se não apenas a recriação da especificidade linguística do mesmo, mas também as implicações das escolhas tradutórias para a relação com os discursos sobre negritude. Com efeito, a tradução suscita, de modo bastante particular, a temática da integração racial mediante integração linguística: em contraste com a dicotomia entre inglês padrão e IVAA, as variantes linguísticas no texto em português situam-se em uma gradação direcionada pelo contexto social dos personagens, em certo ponto beirando mesmo a ausência de linguagem vernacular. Em suma, a partir da percepção daquilo que se configura como "diferença", ou "resíduo", na terminologia de Lecerle (1990, cf VENUTI, 2002), a discussão a seguir terá por objeto os efeitos de opções tradutórias na interface entre linguagem e sociedade.

¹ Este artigo integra-se a um projeto mais amplo de pesquisa que busca analisar, pela perspectiva dos Estudos da Tradução, o papel desempenhado por diferentes traduções e tradutores na divulgação da literatura afro-americana no Brasil, com foco especial no modo com que a(s) estética(s) afro-americana(s) têm sido historicamente reconstruídas pelo discurso tradutório em face das percepções identitárias e ideológicas provenientes das relações estabelecidas, no Brasil, entre cultura (afro-) brasileira, miscigenação e a (des)crença no mito da democracia racial.

2. RALPH ELLISON – REFLEXÕES SOBRE RACIALIDADE

O escritor afro-americano Ralph Ellison (1914-1994) tornou-se figura emblemática no pensamento sobre negritude nos EUA em vista de sua perspectiva integracionista no tocante à relação entre brancos e negros. Para além do fortalecimento interno da comunidade afro-americana, proposto pelo Poder Negro a partir dos anos 1960 como reação ao segregacionismo, Ellison advogava para o conjunto da sociedade a consciência unificadora de cidadania norte-americana. Nesse sentido, ele se converteu em forte opositor de separação racial, tanto no âmbito social como cultural, desenvolvendo uma linha de pensamento de certa forma sempre presente na sua visão de mundo.

A reflexão sobre relações raciais dentro de uma “democracia ideal multirracial”, conforme apreendida por Gregory Stephens², iniciou-se na sua juventude. Ralph Ellison associou-se a um círculo de colegas negros por ele considerados “membros de uma tribo selvagem, livre, sem lei, que transcendia a categoria de raça” (ELLISON, 1966, p.52-53 *apud* STEPHENS, 1999, p.116), aos quais interessava enriquecer a própria formação com modelos não exclusivamente negros. Nessa linha, ele argumentava – questionando arquétipos ou padrões racializados – que padrões não são “raciais” ou inatos, e sim projetados a partir de materiais culturais dados em determinado momento, estes sempre originados por mesclas. Por conseguinte, o processo de entender a construção identitária incluía, para ele, o preceito de que era necessário cruzar a linha de cor para compreender a consciência afro-americana. Com efeito, o escritor manifestou desde cedo seu ceticismo diante da separação entre grupos raciais, conforme se observa no trecho do artigo “Sociology 406”, de 1936:

Há uma escola de pensamento que quer o negro norte-americano como uma raça culturalmente separada do resto dos EUA. Um grupo com arte, ideais, economia, tradições, atitudes e outros fatores culturais próprios. Essa mesma atitude é encontrada entre aqueles críticos de literatura negra que urgem o escritor negro a se ater a temáticas e ideais negros. [...] Os expoentes desse tipo de desenvolvimento racial argumentam que isso trará um estado de consciência racial e orgulho hoje ausente no negro. (ELLISON, 1936 *apud* RAMPERSAD, 2007, p.78, tradução de nossa autoria)

Arnold Rampersad (*idem, ibidem*) comenta o espírito de Ellison na constatação acima explicando que ele

já acreditava em orgulho racial, mas não separação racial. [...] Já procurava transpor a linha que parecia separar, de um lado, a tradição cultural europeia no cerne da sua formação e, de outro, a cultura vernacular negra na fala, na música e na dança que pulsava como sangue quente nas suas veias.

O ingresso do autor no universo da escrita, a partir da publicação de artigos e contos em diversos periódicos em conjunto com a participação no Federal Writers’ Project,

² Conforme capítulo de sua obra *On Racial Frontiers* (1999) intitulado “Invisible community: Ralph Ellison’s vision of a multiracial ‘ideal democracy’”.

conduziu-o, por sua vez, em direção à criação do romance *Invisible Man*, publicado em 1952 pela editora Random House. Esse livro lhe rendeu o National Book Award em 1953 e proporcionou sua entrada no meio acadêmico, reservando-lhe a cadeira de professor no Bart College e nas universidades de Rutgers e de Nova York. Nesse meio, aproveitou o espaço oferecido para de forma apaixonada, quase colérica, defender a integração entre negros e brancos na sociedade norte-americana.

3. RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE ELLISON EM JORNAIS

O posicionamento de Ellison deu ensejo a discussões nos jornais "O Estado de São Paulo" e "Folha de São Paulo", feitas paralelamente à apreciação crítica do romance *Homem Invisível*. Assim como a perspectiva do escritor divergia dos ideais do "Poder Negro", também as posições do "Estado" e da "Folha" se dissociam, respectivamente, em ressalva e apoio à concepção ellisonesa.

No "Estado", a produção do escritor é colocada à luz da relação conturbada com o movimento negro, sob a consideração de que a entrada de Ellison no panteão literário implicou a renegação do engajamento dos negros. Tal perspectiva é ilustrada pelo artigo de William Weatherby, publicado em 23/4/1994:

As primeiras linhas do livro estabeleceram sua metáfora central da América Negra como sendo não apenas despercebida, mas literalmente invisível para a América branca. [...] A história premiada — a respeito de um migrante que vem do sul do país e que luta contra a opressão no Harlem (o inimigo sendo a Monoplated Light and Power Company), mas que acaba sendo repudiado pelos demais negros — se tornou mundialmente famosa. Durante os 30 anos seguintes, ele viveu da reputação do romance, constantemente anunciando um outro que estaria em fase de conclusão, mas que nunca chegou a ser publicado. [...] Era doloroso testemunhar um excelente escritor apresentando desculpas pela sua falta de criatividade e um dos principais negros do país tentando explicar seu distanciamento do movimento pelos direitos civis. [...] O romance de Ellison lhe abriu as portas do mundo dos brancos, mas talvez o tenha deixado sem ter mais o que dizer. (WEATHERBY, 1994, p.72)

Na "Folha", por outro lado, em artigo que recupera o princípio de democracia pontuado por Stephens (1999), Ralph Ellison recebe destaque como defensor de igualdade entre raças:

Apóstolo da democracia racial como condição para a existência de uma democracia norte-americana, Ellison recebeu, por "O Homem Invisível", o National Book Award, mais importante prêmio literário de seu país. (PIZA, 1991, p.11)

A discussão a respeito de Ellison feita na "Folha" como um todo se dá de forma mais extensa do que no "Estado", tratando, ainda, especificamente da amplitude de referências culturais objetivada por Ellison dentro de sua formação universal. Na sua escrita, integração social se reflete, assim, em "fusão cultural", conforme expõe Carlos Lins da Silva em artigo da "Folha" concomitante ao de Weatherby no "Estado":

Em “Homem Invisível”, a narrativa dos escravos se encontra com o surrealismo kafkiano, as lendas africanas são contrapostas à análise freudiana, o jazz é modulado por Richard Wagner, Mark Twain se cruza com William Faulkner. Embora essa simbiose é que mereça o rótulo de “multiculturalismo”, Ellison começou a ser discriminado pelos que mais tarde se apossariam desse conceito no início dos anos 60, quando grupos radicais do movimento pelos direitos civis nos EUA estabeleceram o chamado “poder negro”. Ellison foi acusado de ser um novo “Pai Tomás”, referência ao personagem da novela de Harriet Beecher Stowe (1852) que se transformou em sinônimo do negro servil aos brancos, que faz tudo para agradá-los. O próprio estereótipo aplicado a Tomás já é injusto porque o personagem, no livro de Stowe, no texto original, na verdade era um herói da sua raça. A tentativa de transformar Ellison em traidor da negritude foi ainda mais absurda [...] Sua solução para eles não era o separatismo, como defendem os que se intitulam multiculturalistas, mas sim a participação do negro, em igualdade de status com os de outras raças, na formação de uma cultura americana honesta. (LINS DA SILVA, 1994, p.12)

A contribuição a seguir aborda, ainda, uma perspectiva central para a presente discussão, na medida em que discute o aspecto identitário das relações raciais:

Ellison era adversário do separatismo cultural. Acreditava que os negros americanos não podiam dissociar sua negritude de seu caráter americano. [...] E acreditava que tampouco os americanos brancos podiam dissociar sua negritude de seu caráter americano. Ou seja, acreditava que os Estados Unidos sempre tiveram uma cultura racialmente mista e que ninguém pode crescer no país sendo inteiramente “branco” ou “negro”. (MENAND, 1999, p.6)

Embora a proposta integracionista de Ellison se faça presente no romance, na forma de um movimento inter-racial de brancos e negros, o mesmo não deixa de contemplar uma marca de expressão de identidade afro-americana responsável pela particularização dos personagens negros: o inglês vernacular afro-americano (IVAA), um recorte identitário pela via linguística cuja dinâmica na prática tradutória será analisada a seguir.

4. INTEGRAÇÃO E NEGRITUDE À LUZ DE IDENTIDADE LINGUÍSTICA: O IVAA TRADUZIDO

Nas resenhas sobre *Homem Invisível*, não há discussão no tocante ao tratamento dado ao inglês vernacular afro-americano na tradução. Antes, desenvolve-se o debate em torno da posição de Ellison com relação ao movimento negro, seja definindo-a como defesa de democracia racial de um lado ou, de outro, como renúncia ao ideal de construir uma identidade negra. A linguagem do romance, por outro lado, contribui de modo claro para a caracterização de Ellison como escritor alinhado com a cultura afro-americana, uma vez que a obra contempla diversos personagens falantes de inglês vernacular afro-americano.

Com respeito à tradução, por sua vez, pode-se dizer que, ao fugir de padronização do IVAA sob o dialeto dominante, ela reproduz a diferença socioletal entre a fala afro-americana e o inglês padrão. Simultaneamente, a escrita tradutória estabelece um perfil diferenciado para o IVAA ao se desdobrar em nuances entre a fala de personagens do meio rural e do meio urbano: a caracterização de personagens falantes do

inglês vernacular na cidade ou no campo por meio de marcas de pronúncia apresenta uma nitidez de contraste que não se observa na escrita de Ellison. Nota-se aqui uma manobra de recriação socioletal face à inexistência de uma variante correspondente ao IVAA na sociedade brasileira, estratégia na qual marcas de pertencimento "racial" se convertem, então, em marcas de origem geográfica. Pode-se ilustrar essa avaliação contrapondo a fala do boia-fria negro Trueblood à de Mary — também negra —, dona de uma pensão na qual o narrador de *Homem Invisível* se hospeda em Nova York. Segue um excerto com a fala de Trueblood:

"And I'm still settin' there when she comes back with some women to see 'bout Matty Lou. Won't nobody speak to me, though they looks at me like I'm some new kinda cotton-pickin' machine. I feels bad. (ELLISON, 2001, p.65)

"E inda tô sentado ali quando elas vorta com umas mulhé pra cuidá da Matty Lou. Ninguém fala comigo, só fica olhando pra mim que nem eu fosse um modelo novo de colhetadeira de algodão. Eu tô pra lá de aperreado. (ELLISON, 1990, p.61)

O próximo trecho, em contrapartida, constitui uma fala de Mary:

"It's you young folks what's going to make the changes," she said. "Y'all's the ones. You got to lead and you got to fight and move us all on up a little higher. And I tell you something else, it's the ones from the South that's got to do it, them what knows the fire and ain't forgot how it burns. Up here too many forgits. They finds a place for theyselves and forgits the ones on the bottom. Oh, heap of them *talks* about doing things, but they done really forgot. No, it's you young ones what has to remember and take the lead."

(ELLISON, 2001, p.255, grifo do autor)

— São vocês, *os jovem*, que têm que mudar as coisas. Vocês têm que liderar, que lutar, nos elevar no que for possível. E tem mais: é a vocês do Sul que cabe fazer isso, vocês que conhecem o fogo e não se esquecem de como esse fogo queima. Aqui no Norte as pessoas se esquecem. Encontram um lugar e se esquecem dos que ficaram para trás. Ah, tem muitos que falam em fazer coisas, mas a verdade é que eles esquecem. Não: *os jovem* é que têm que se lembrar, e assumir a liderança.

(ELLISON, 1990, p.219, grifo nosso)

Em inglês, as falas dos personagens apresentam perceptível semelhança, observável em supressões e apócope de palavras, bem como em desvios de concordância e grafia com relação à norma padrão. Em português, porém, nota-se que a fala de Mary, excetuada a não concordância em "os jovem", se caracteriza por correção gramatical, marcando assim uma diferença em relação à fala de Trueblood: este assume o perfil de um habitante não escolarizado da zona rural, ao passo que Mary se apresenta como uma personagem urbana dotada de um grau razoável de escolaridade.

Não obstante, a despeito dos caminhos diversos estabelecidos para a linguagem dos personagens falantes do IVAA, há um elemento que norteia a proposta tradutória para a marcação desse socioleto em português: o uso do pronome "tu" em vez de "você".

Como exemplos, seguem a fala de Mary e de Kate, esposa de Trueblood. Mary diz em recomendação ao narrador:

“And you have to take care of yourself, son. Don’t let this Harlem git you. I’m in New York, but New York ain’t in me, understand what I mean? Don’t git corrupted.” (ELLISON, 2001, p.255)

— E tu tem que se cuidar, meu filho. Não deixa esse Harlem te engolir. Eu tô em Nova York, mas nem por isso sou igual a Nova York, dá pra entender? Tu vê se não se deixa corromper. (ELLISON, 1990, p.219)

Observa-se o emprego do pronome “tu” igualmente na tradução da conversa de Kate com Trueblood:

‘How come you don’t go on ‘way and leave us?’ is the first words Kate says to me. ‘Ain’t you done enough to me and this chile?’ (ELLISON, 2001, p.66)

‘Por que tu num vai embora e larga da gente’?, é a primeira coisa que a Kate me fala. ‘Num acha que já aprontô de sobra comigo e a menina?’ (ELLISON, 1990, p.61)

Tal correlação entre o IVAA em inglês e a marca de identificação “tu” não se estende, porém, ao romance inteiro, havendo um contexto particular que problematiza a hipótese de emprego do “tu” como elemento diferencial da comunidade afro-americana: situações de emprego do IVAA por membros afro-americanos da Confraria multirracial à qual o narrador se filia, composta por brancos e negros. No âmbito das conversas entre o narrador e o velho confrade negro Tarp, ex-escravo fugitivo do sul dos EUA, a forma de tratamento adotada é “você”, mesmo ante a presença de algumas marcas de IVAA na fala de Tarp:

“Well, when you first suggested it, some of the members was against you.”

— Bem, logo que você sugeriu isso, alguns membros ficaram contra.

“That’s certainly true.”

— É verdade, sim.

“Sho, and they raised the devil about the youth members going into the subways and sticking’em up in place of them constipation ads and things — but do you know what they doing now?”

— Claro. E se opuseram enfaticamente a que nossos jovens brigadistas fossem para o metrô colar esses cartazes por cima dos anúncios de laxante, e coisa e tal. Mas você sabe o que eles pensam agora?

“I guess they’re holding it against me because some of the kids were arrested,” I said.

— Imagino que me culpam pela prisão de alguns desses jovens — respondi.

“Holding it against you? Hell, they going around bragging about it. But what I was about to say is they taking them rainbow pictures and tacking’em to their walls ‘long with ‘God Bless Our Home’ and the Lord’s Prayer. They’re crazy about it.” (ELLISON, 2001, p.385-386)

— Culparem você? Que nada, eles não se cansam de elogiar a tua idéia. Mas o que eu ia dizer é que eles pegaram esse teu cartaz e pregaram nas paredes de suas casas, bem ao lado do “Deus Abençoe o Nosso Lar” e do Pai-Nosso. Estão apaixonados pelo cartaz. (ELLISON, 1990, p.330)

Desaparecendo, no trecho acima, aquilo que se vinha observando como fator recorrente de identificação do socioleto afro-americano na tradução, praticamente não se observam indícios para o IVAA, a diferença socioletal se manifestando apenas de forma sutil na diferença de registro da expressão "e coisa e tal" e na alternância entre a terceira pessoa do singular "você" para o pronome de tratamento e a segunda pessoa do singular para os pronomes possessivos.

Em paralelo com a fala de Tarp, tampouco a fala de outro confrade negro, chamado Wrestrum, apresenta traços que de algum modo remetam ao IVAA da passagem original, seja por meio de léxico informal ou por estruturas não-padrão:

Me, I don't let 'em get away with nothing. If they going to be brothers let 'em be brothers! (ELLISON, 2001, p.394)	Eu, pessoalmente, não admito esse tipo de falha. Se querem ser irmãos, que ajam como irmãos! (ELLISON, 1990, p.337)
---	---

Tendo-se em vista o contexto narrativo, resulta significativo que Tarp e Wrestrum não sejam identificados, na sua representação tradutória, com os outros personagens da comunidade afrodescendente a partir do emprego do "tu". Mais precisamente, o fato de tal diferença estilística surgir no âmbito de um movimento político interracial conduz a uma problematização no campo discursivo: na medida em que desaparece a particularidade mais evidentemente distintiva do falar da comunidade negra no interior da tradução, vem à tona a problemática do embranquecimento cultural, cuja proposta implica em nivelamento de negros e brancos por meio da sublimação da identidade afrodescendente.

Nesse sentido, para efeito de contraste, é propício analisar a relação entre a representação da fala e o papel dos personagens Trueblood e Mary, respectivamente um desfrutador de paternalismo "racial" e uma defensora de negritude não comprometida com a proposta integracionista da Confraria do narrador. Suas posições com relação a brancos e ao orgulho de ser negro divergem: Trueblood cometeu um incesto que o baniu da comunidade negra, mas despertou interesse de brancos, como reflete sua fala: "Mas o que eu num entendo é comé que pode, eu tendo feito a pior coisa que um home pode fazê com a família, e inveis das coisa piorá, elas só miora. Os crioulo lá da escola num gosta de mim, mas os branco me trata bem" (ELLISON, 1990, p.62). Mary, por sua vez, atua no sentido de trazer à memória do narrador o histórico de conflito racial, encorajando o mesmo a se engajar na luta pelos negros, conforme trecho extraído da análise precedente:

Vocês têm que liderar, que lutar, nos elevar no que for possível. E tem mais: é a vocês do Sul que cabe fazer isso, vocês que conhecem o fogo e não se esquecem de como esse fogo queima. Aqui no Norte as pessoas se esquecem. Encontram um lugar e se esquecem dos que ficaram para trás. (ELLISON, 1990, p.219)

Na materialidade linguística das posições discursivas, tanto a subordinação de Trueblood aos brancos quanto a busca de Mary por elevação da comunidade negra desde uma perspectiva independente de cooperação com brancos estão acompanhadas da escolha pronominal do “tu” e de determinadas incorreções gramaticais, ambos os aspectos socialmente marcados³, que criam um padrão linguístico particular ausente das falas de confrades negros politicamente engajados com brancos, como Tarp e Wrestrum.

A relação entre a linguagem da tradução observada aqui e o posicionamento dos personagens evoca, assim, o preceito inicialmente assumido e posteriormente questionado dentro do movimento afro-brasileiro de que “a educação, a formação e a assimilação do modelo branco forneceriam a chave da integração. Até o branco mais limitado não hesitaria em abrir a porta ao negro qualificado, culto e virtuoso” (MUNANGA, 2004, p.106). Nesse sentido, relacionar a percepção descrita nesse trecho, de que a interação em nível de igualdade entre brancos e negros precisaria envolver assimilação, com a análise precedente das opções tradutórias para o IVAA – segundo a qual a substituição do “tu” por “você” no trato entre os membros negros da confraria representa a supressão de um fictício traço de identificação negra – permite uma correlação com as posições discursivas nas resenhas sobre Ralph Ellison na medida em que traz à baila o temor do “Poder Negro” com relação à perda de raízes que a integração com brancos defendida por Ellison poderia implicar.

Em outras palavras, a ausência do pronome “tu” (sem concordância verbal) na tradução se dá em um ponto específico que estabelece um contraste entre negros dentro e fora da coatuação com brancos, gerando uma associação com o conceito de “democracia racial” ao inscrever a noção de que, para um negro, colocar-se em situação de igualdade com brancos envolveria aproximar-se pelo caminho da erudição, manifestada no uso da variante linguística padrão. A partir dessa particularidade, um olhar crítico de “democracia racial” poderia, assim, colocar em discussão o efeito assimilativo do contato “inter-racial” na Confraria, realidade esta temida pelo Poder Negro e, dentro da dinâmica do contexto nacional, posta em xeque também pelo movimento afro-brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualiza-se uma dupla possibilidade de reflexão nas opções da tradutora Márcia Serra, uma vez que a criação de uma identidade particular, aqui expressa linguisticamente,

³ O “tu”, em particular, é uma variante minoritária que, nesse sentido, marca de forma intensificada o perfil identitário das regiões brasileiras onde é usado, como o Rio de Janeiro. Além disso, em vista de sua associação com a figura do malandro, também lhe é atrelado um caráter distintivo de independência, irreverência.

encontra paralelos no movimento negro, ao mesmo tempo em que a ruptura (in)consciente da linha de reconstrução tradutória do socioleto se alinha ao princípio de "democracia racial". Diante disso, propomos como hipótese explicativa para tais especificidades, ou "resíduos", que a tradução objetivaria tornar a concepção ellisonesa de integracionismo palpável a um leitor brasileiro ciente da formação de identidade negra, mas primariamente familiarizado com a noção de integração como apagamento de diferenças. Leva-se em consideração, nesse sentido, o fato de que a tradução data de 1990, estando, portanto, inserida no cenário de intensificação da consciência negra por ocasião do centenário de abolição da escravatura, contexto este que alimenta um sentimento de grupo de todo modo ainda em formação no Brasil. No contexto norte-americano, por outro lado, a percepção de tal vínculo está profundamente arraigada, exercendo efeitos nas relações sociais que motivam Ellison a advogar para os grupos "raciais" a consciência unificadora do status de norte-americanos, o que, de modo correspondente, se dá na sua literatura por meio de um movimento integracionista no qual os personagens ingressam dotados, não obstante, de diferenças constitutivas que se preservam.

Enfim, tomando-se o panorama conjunto criado por *Invisible Man* e *Homem Invisível*, a palavra final em favor de integração ou racialidade fica em aberto. Antes, tanto o autor quanto a tradutora aparecem inseridos em lugares de experimentação nos quais demonstram seguir um rumo discursivo novo balizando-se no que lhes é familiar. Observa-se que as opções tradutórias, especificamente, não mostram estrita correspondência com o universo discursivo do texto de partida, aspecto este em certa medida motivado pelas próprias especificidades identitárias do IVAA. Em face do "novo" e "particular", destaca-se, assim, o papel da tradutora na compreensão e tradução do texto, tornando ela visível sua subjetividade conforme concebida na percepção do fazer tradutório por Venuti (2002). Tal presença do sujeito no texto é marcada aqui pelo fato de a tradução liberar um resíduo relativo ao universo cultural identitário brasileiro, caracterizado pelo integracionismo na forma de "democracia racial": uma dimensão discursiva que perpassa ou mesmo sobredetermina, em certos momentos, a prática da tradutora.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da FAPESP (processo 2012/03387-0) à pesquisa vinculada a este artigo.

REFERÊNCIAS

- ELLISON, R. **Homem Invisível**. Trad. Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- ELLISON, R. **Invisible Man**. London: Penguin Books, 2001.
- ELLISON, R. Sociology 406. 1936. In: RAMPERSAD, A. **Ralph Ellison: A Biography**. 2.ed. New York: Random House, 2007.
- ELLISON, R. **Shadow and Act**. New York: Signet, 1966.
- LECERCLE, J.-J. **The Violence of Language**. Londres: Routledge, 1990.
- MAGNOLI, D. **Gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: Autêntica, 2004.
- STEPHENS, G. **On Racial Frontiers: the New Culture of Frederick Douglass, Ralph Ellison, and Bob Marley**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1999.
- VENUTI, L. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureando Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

Artigos jornalísticos

- LINS DA SILVA, C. Ellison volta a ser discutido nos EUA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24/4/1994, Mais!, p.12
- MENAND, L. (trad. Clara Allain). Obra "Frankenstein" de Ellison sai nos EUA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17/7/1999, Ilustrada, p.6.
- PIZA, D. Ralph Ellison morre em Nova York aos 80. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18/4/1991, Ilustrada, Literatura, p.11.
- WEATHERBY, W. A morte do escritor que tornou visível a América Negra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23/4/1994, Cultura, p.72.

Débora Larissa Rempel

Bolsista Fapesp do Curso de Graduação em Letras com Habilitação de Tradutor na Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho', UNESP, São José do Rio Preto, SP.

Lauro Maia Amorim

Professor Assistente Doutor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho', UNESP, São José do Rio Preto, SP. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq MultiTrad.